

BEOWULF: UMA JORNADA PELA ÉPICA MEDIEVAL



<https://doi.org/10.22533/at.ed.828132512061>

Data de aceite: 17/06/2025

Evandro Rosa de Araújo

Professor de Língua Inglesa e Literaturas na Universidade Estadual de Goiás (UEG), com mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e doutorado em Estudos Linguísticos Aplicados ao Ensino de Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO: O texto tem como objetivo analisar os aspectos da épica medieval por meio de uma releitura do poema *Beowulf*, uma das obras mais emblemáticas do período. Provavelmente escrito entre os séculos VII e VIII d.C., *Beowulf*, segundo Vizioli (1992) e Borges (2002), não apenas narra feitos heroicos, mas também representa um valioso testemunho da evolução da língua inglesa na Inglaterra. Sua singular ornamentação linguística e sua complexa estrutura narrativa garantiram a sobrevivência da obra ao longo dos séculos, consolidando-a como um marco literário que continua a cativar leitores e estudiosos. Dada a importância do poema, este estudo busca explorar sua narratividade, examinando seus aspectos

literários, históricos, linguísticos e sociais elementos que fazem de *Beowulf* uma peça fundamental na tradição épica. Para isso, foram utilizadas fontes bibliográficas de diversas áreas, incluindo teoria da poesia e historiografia literária, a fim de construir uma análise abrangente e bem fundamentada. Espera-se que este artigo contribua para o incentivo aos estudos das obras medievais, ampliando o interesse acadêmico e cultural por essa produção literária essencial à compreensão do desenvolvimento das narrativas heroicas e da identidade cultural anglo-saxônica.

PALAVRAS – CHAVE: Épica. Medieval. Modernidade. Linguagem poética.

BEOWULF: A JOURNEY THROUGH MEDIEVAL EPIC

ABSTRACT: This article examines fundamental aspects of the medieval epic tradition through an in-depth study of *Beowulf*, one of the most emblematic works of the period. Likely composed between the 8th and 11th centuries AD, *Beowulf*, as observed by Vizioli (1992) and Borges (2002), not only recounts heroic deeds but also serves as a valuable testament to the evolution of the English language in early England. Its distinctive

linguistic ornamentation and intricate narrative structure have ensured its enduring legacy, solidifying it as a literary milestone that continues to captivate scholars and readers alike. Recognizing the poem's significance, this study explores its narrative, analyzing the literary, historical, linguistic, and social dimensions that establish *Beowulf* as a cornerstone of the epic tradition. Bibliographic sources from diverse disciplines, including poetry theory and literary historiography, were consulted to construct a well-founded and comprehensive analysis. By illuminating this foundational medieval text, the article seeks to foster a deeper appreciation of epic literature, encouraging academic and cultural engagement with a body of work essential to understanding the development of heroic narratives and Anglo-Saxon cultural identity.

KEYWORDS: Epic, Medieval, Modernity, Poetic Language.

INTRODUÇÃO

Segundo Araújo (2020), a interpretação e o estudo de textos escritos em línguas antigas ou extintas, datados da Idade Média, são frequentemente negligenciados no ambiente escolar. Essa falta de atenção se deve, em grande parte, à complexidade linguística, à estrutura peculiar dessas obras e ao contexto histórico em que foram criadas, fatores que dificultam a compreensão dos alunos.

Ainda assim, Araújo (2020) ressalta que incorporar esses textos ao currículo pode ampliar a formação dos estudantes, oferecendo uma perspectiva mais rica sobre a evolução da literatura e da cultura ao longo dos séculos. Com métodos didáticos apropriados, esses conteúdos podem se tornar mais acessíveis, despertando o interesse pela profundidade histórica e simbólica das produções medievais.

Autores como Anderson (1945), Chickering (1997), Foley (1990), Klaeber (1950), Liuzza (2000), Mitchell (2007) e Tolkien (2014) ressaltam a complexidade dessa questão, destacando a importância de uma abordagem criteriosa na leitura e interpretação dessas obras. As representações visuais nos livros mostram o contínuo interesse dos pesquisadores por essas narrativas.

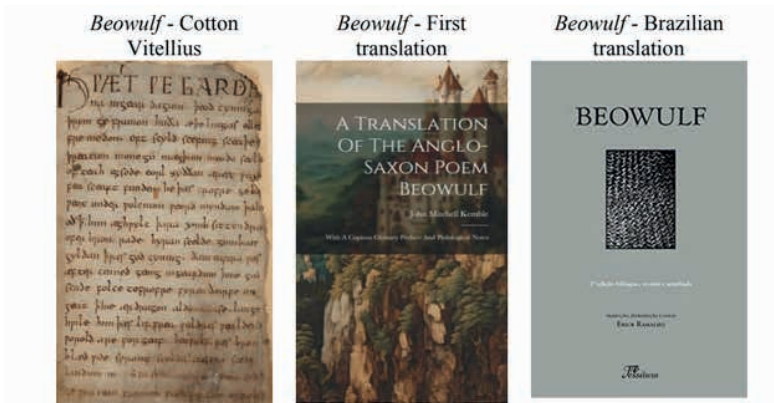


Figura – 1. Traduções de *Beowulf*.

Fonte: Google imagens

Como destaca Foley (1990), o mundo em que vivemos hoje é profundamente diferente daquele em que os poetas medievais criavam e compartilhavam suas obras. Anderson (1945), Chickering (1997) e Foley (1990) ressaltam que os valores, as simbologias e as estruturas narrativas daquela época exigem uma leitura cuidadosa e contextualizada, permitindo que os leitores não apenas compreendam o conteúdo dos textos, mas também se conectem ao universo cultural e histórico que os influenciou.

Da mesma forma, Araújo (2020), Klaeber (1950), Liuzza (2000), Mitchell (2007) e Tolkien (2014) defendem que a inclusão dessas obras no ensino pode enriquecer a formação dos alunos, ampliando sua perspectiva sobre a literatura e sua evolução ao longo dos séculos. Com abordagens didáticas adequadas, esses textos podem se tornar mais acessíveis, despertando o interesse pela riqueza histórica e simbólica presente na literatura medieval.

Spina (1973) ressalta que a literatura medieval não deve ser encarada apenas como um conjunto de textos antigos e distantes da realidade contemporânea, mas sim como uma expressão artística essencial para compreender a construção e evolução da tradição literária ocidental. Seguindo essa mesma linha, Araújo (2020) destaca que essas narrativas, permeadas por feitos heroicos, mitos, alegorias e reflexões sobre a condição humana, oferecem valiosos insights sobre os imaginários culturais e filosóficos da época, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história e da literatura.

A valorização dessas obras no ensino pode ampliar a perspectiva dos estudantes, incentivando uma abordagem mais crítica e enriquecedora sobre a evolução das narrativas épicas e sua influência na literatura moderna. Com metodologias adequadas, é possível tornar esses textos mais acessíveis e despertar o interesse pela riqueza simbólica e histórica que carregam.

A literatura medieval possui belezas insuspeitáveis. Mas, para surpreendê-las e senti-las, devemos mergulhar nessa época com o mesmo espírito que orientou o Romantismo em sua busca pelo retorno à Idade Média; somente ele conseguiu reviver esse mundo encantado da poesia, das catedrais e dos torneios de cavalaria (Spina, 1975, p. 11).

Com base na citação acima de Spina (1975), compreender obras escritas em períodos históricos distintos exige um esforço para reconstruir mentalmente o contexto daquele tempo, pois a arte, por essência, é uma representação do real, não no sentido de uma verdade absoluta, mas sim como uma interpretação criativa, como bem explica Aristóteles (1990) em *A Poética*. Dessa forma, ao buscar compreender a riqueza da Épica medieval, este estudo se dedicará à análise do poema *Beowulf*, refletindo de maneira sistêmica sobre as imagens e simbolismos que se entrelaçam nessa obra.

Os estudiosos Anderson (1945), Chickering (1997), Foley (1990), Klaeber (1950), Liuzza (2000), Mitchell (2007) e Tolkien (2014) concordam que *Beowulf* é a mais antiga epopeia escrita em solo inglês. No entanto, como destaca Araújo (2020), apesar de sua

origem na Inglaterra, o poema não narra os feitos desse povo, mas sim dos dinamarqueses, conferindo-lhe uma posição singular dentro do cânone literário de diversas nações. Sua trajetória reflete a riqueza das trocas culturais da época, consolidando-se como uma obra de impacto duradouro na tradição épica mundial.

Tolkien (2014) destaca que a influência de *Beowulf* ultrapassa fronteiras, sendo traduzido para diversas línguas e adaptado para múltiplos formatos e expressões semióticas. Essa ampla difusão reforça sua importância e perenidade, consolidando-o como um dos pilares fundamentais da literatura épica mundial.

Dado seu valor como obra literária e artística, *Beowulf* merece um reconhecimento mais amplo no Brasil, onde sua divulgação ainda é limitada em comparação a outros países. Como destaca Araújo (2020), a compreensão desse poema épico pode enriquecer significativamente os estudos literários, permitindo aos leitores uma imersão profunda na mentalidade e nos valores das sociedades antigas, além de oferecer uma visão abrangente sobre a evolução da narrativa heroica ao longo dos séculos. Fortalecer sua presença no ensino e na pesquisa acadêmica contribuiria para ampliar o acesso a essa obra fundamental da tradição épica.

Para garantir uma análise mais estruturada, este estudo foi dividido em três partes. Na primeira, exploraremos o conceito de epopeia e os elementos que conferem a *Beowulf* seu caráter épico. Em seguida, abordaremos seu contexto histórico e literário, destacando a mística que envolve o poema e sua importância dentro da tradição oral e escrita. Por fim, na terceira parte, realizaremos uma análise da obra, investigando as imagens e simbolismos que se entrelaçam ao longo de sua narrativa, revelando o impacto estético e filosófico que este poema imprime na literatura universal.

A ALMA DA EPOPEIA: BEOWULF E O FASCÍNIO DA NARRATIVA HEROICA

Como argumentam os teóricos Chickering (1997) e Foley (1990), a linguagem poética é uma das formas mais antigas de expressão artística, estando intrinsecamente ligada à existência humana, de modo que sua origem se confunde com o próprio surgimento da linguagem. Como destaca Eagleton (2006, p. 03), a poesia “trata-se de um tipo de comunicação que chama atenção para si mesma, evidenciando sua singularidade estética”.

Embora Staiger (1975) destaque que a origem do fazer poético permaneça envolta em incertezas, os vestígios arqueológicos e as fontes históricas indicam que a poesia acompanha a humanidade desde tempos imemoriais, testemunhando sua evolução e identidade cultural. Araújo (2020) destaca que, inicialmente, a poesia se manifestou por meio da tradição oral, em um período em que a escrita ainda não era amplamente difundida. A potência dessa forma de expressão é perceptível na maneira como o discurso poético se distancia da língua comum, conferindo-lhe um caráter sublime. Para ilustrar essa distinção, podemos observar o seguinte fragmento de *Beowulf*, onde a poesia não apenas narra, mas evoca sensações e atmosferas únicas:

De como o todo-poderoso a terra
Fez (tão pulcro plano com água posta
Ao redor), e a reluzente luz
Do sol e da lua – solene lume
Pros habitantes da terra, adornada com folhas e galhos”
(Beowulf, 2007, p. 07)

Esse trecho evidencia o poder da linguagem poética, que não se limita a transmitir informações, mas cria imagens vívidas e um ritmo que ressoa além do significado literal das palavras. Para Araújo (2020), compreender a poesia medieval, como a encontrada em *Beowulf*, exige uma imersão sensível nessa estética, percebendo como a construção verbal transforma o texto em um espaço de contemplação e encantamento.

Ao observar o segundo verso do fragmento acima de *Beowulf*, lembramos dos comentários de Borges (2002), que enfatiza que é possível perceber que o poeta não apenas escrevia seus versos, mas provavelmente os entoava, conferindo-lhes uma dimensão sonora e emotiva que ultrapassa o mero registro textual. Essa oralidade elevava sua expressão, impregnando-a de emoção e da intenção de seu criador, tornando o poema uma experiência artística completa, capaz de envolver e cativar seus ouvintes.

Antes de avançarmos na análise, é fundamental lembrar que a palavra “poesia” tem sua origem no grego *poíesis*, que significa criar, no sentido de imaginar (Moisés, 2000, p. 81). Essa definição ressalta o caráter inventivo e transformador da poesia, que não apenas descreve a realidade, mas a recria sob novas perspectivas, estimulando reflexões e sensações únicas.

Além disso, é importante destacar, com base em Moisés (2000), que a poesia se subdivide em duas grandes vertentes. A poesia lírica, representada pelo soneto, pela ode e por outras formas que enfatizam a subjetividade e a musicalidade do verso. E a poesia épica, caracterizada por narrativas que exaltam feitos heroicos e se manifestam em poemas extensos, como o poemeto e a epopeia.

Considerando a vastidão desse tema e a profundidade exigida por cada uma dessas formas, este estudo não pretende esgotar todas as possibilidades da poesia, mas sim refletir sobre seu papel e impacto, com especial enfoque no gênero épico. Com base em Moisés (2000), busca-se destacar a relevância das epopeias, analisando suas características fundamentais e seu poder narrativo, exemplificado aqui por fragmentos de *Beowulf*, uma das mais antigas e influentes obras da tradição épica.

A poesia épica, como afirma D’Onofrio (1981), também conhecida como epopeia, é uma forma narrativa extensa que exalta feitos heroicos, frequentemente entrelaçados a eventos históricos, mitológicos ou lendários. Seu propósito vai além da mera narração de aventuras, pois busca preservar e transmitir a memória coletiva de um povo, enaltecendo valores fundamentais como coragem, honra e sacrifício.

Segundo D’Onofrio (1981, p. 13), “a função da poesia épica é perpetuar, através da arte literária, a lembrança das virtudes e das crenças primitivas de um povo”. Assim, a epopeia não apenas documenta histórias, mas também reforça identidades culturais e inspira novas gerações.

A partir dessas características e com base em autores como Liuzza (2000), Mitchell (2007), Tolkien (2014), entre outros, é possível perceber que *Beowulf* se insere perfeitamente nesse contexto. O poema reúne todos os elementos que definem a tradição épica: um protagonista de força sobre-humana, desafios que transcendem a lógica terrena e um pano de fundo mítico que confere grandeza à narrativa. O próprio *Beowulf*, guerreiro imbatível e protetor de seu povo, guarda semelhanças com figuras heroicas da Antiguidade, como Hércules, ambos enfrentam criaturas monstruosas e realizam façanhas que desafiam as leis naturais.

Além disso, a atmosfera de *Beowulf* é permeada por um misticismo intrigante, onde feitos inexplicáveis e forças sobrenaturais moldam o destino dos personagens. Segundo autores como Liuzza (2000), Mitchell (2007) e Tolkien (2014), entre outros, o poema não apenas captura a essência da coragem individual, mas também reforça o senso de dever comunitário, refletindo as crenças e valores dos anglo-saxões.

É essa fusão entre história, mito e simbolismo que torna *Beowulf* uma das epopeias mais relevantes da literatura mundial, continuando a fascinar estudiosos e leitores séculos após sua criação. Como ressaltam Liuzza (2000), Mitchell (2007) e Tolkien (2014), entre outros, o poema preserva elementos fundamentais da tradição épica, consolidando seu impacto duradouro na cultura e na literatura.

Conforme atestam Staiger (1975), Paixão (1991), Paz (1982), Fernandes (2005), D’Onofrio (1981) e outros estudiosos, a epopeia desempenha um papel essencial na preservação das lendas seculares e tradições ancestrais, atuando como um elo entre o passado e o presente. Ao longo dos séculos, essas narrativas heroicas foram transmitidas por meio da tradição oral, na qual bardos e poetas entoavam versos sobre feitos extraordinários. Posteriormente, a tradição escrita consolidou essas histórias, permitindo que atravessassem gerações e continuassem a inspirar novas interpretações e reflexões sobre a identidade cultural.

Os primeiros grandes modelos ocidentais de epopeia que se têm notícia são os poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, cuja origem remonta às lendas sobre a guerra de Tróia. Essas obras não apenas moldaram a literatura épica, como também influenciaram profundamente as concepções de heroísmo, honra e destino. Segundo Coutinho (1987, p. 76), “a palavra epopéia vem do grego (epos, canto, narrativa; poieo, fazer). Também vem da Grécia antiga, na sua forma modelar. Homero foi o criador de duas obras-primas do gênero, a *Ilíada* e a *Odisseia*”.

A estrutura dessas epopeias é marcante: versos meticulosamente construídos e ritmados conferem musicalidade ao texto, fortalecendo sua capacidade de ser declamado

e memorizado. Além disso, os protagonistas, como Aquiles na *Iliada* e Ulisses na *Odisseia*, personificam valores heroicos, enfrentando desafios que testam sua força, inteligência e caráter. Nas palavras de teóricos como Staiger (1975), Paixão (1991), Paz (1982), Fernandes (2005), D'Onofrio (1981), esses aspectos contribuem para que a epopeia seja não apenas um registro literário, mas também um reflexo dos ideais e crenças das sociedades que a produziram.

A epopeia, como destaca D'Onofrio (1981), permanece como um dos gêneros mais marcantes e atemporais da literatura mundial, transcendendo fronteiras e influenciando gerações ao longo dos séculos. Sua capacidade de capturar a essência de uma cultura e imortalizar suas narrativas a torna um dos alicerces da literatura heroica, essencial para compreender a evolução da narrativa e da imaginação humana. Ao registrar feitos extraordinários de personagens lendários e mitológicos, a epopeia desempenha um papel crucial na preservação das tradições e valores das civilizações, perpetuando sua memória e identidade cultural.

Embora faça parte do gênero épico, a epopeia transcende a mera reconstrução histórica. Em vez de simplesmente narrar acontecimentos, ela os envolve em significados simbólicos e morais, conferindo-lhes uma dimensão idealizada que ultrapassa a realidade. Segundo Staiger (1975), os atos heroicos não são apenas relatos de façanhas extraordinárias, mas transformam-se em modelos de comportamento, exaltando valores fundamentais como coragem, honra e altruísmo. Essa perspectiva é reforçada no poema *Beowulf*, particularmente em seus versos 1750, quando a humildade diante da glória e do poder se torna um ensinamento central: “Não ostentes orgulho, homem de força! Agora, o poder da glória perdura” (*Beowulf*, 2007, p. 109). Dessa forma, a epopeia não apenas preserva tradições, mas também orienta moralmente suas gerações, perpetuando ideais que atravessam o tempo.

Além disso, ao revisitar as teorias de Eagleton (2006), Fernandes (2005) e Bachelard (2006), pode-se afirmar que a linguagem poética, seja lírica ou épica, caracteriza-se por sua profunda elaboração e estilização, distinguindo-se da linguagem cotidiana pela intensidade e expressividade. A poesia transcende a mera transmissão de mensagens ou histórias, oferecendo um espaço de contemplação e reflexão, no qual múltiplas interpretações podem emergir. A riqueza imagética e o uso refinado de metáforas na epopeia ampliam sua força narrativa, transformando-a em uma forma de arte que estabelece um diálogo contínuo com diferentes épocas e perspectivas, perpetuando-se como um dos pilares da tradição literária.

Assim, com base nos estudos de Vizioli (1992), Tolkien (2014), Mitchell e Robinson (2007), Liuzza (2000), Lima (2005) e Langer (2006), a compreensão da epopeia requer um olhar atento não apenas sobre seus elementos narrativos, mas também sobre sua profunda função cultural e estética. Obras como *Beowulf* exemplificam esse impacto ao longo da história, permanecendo relevantes através dos séculos e influenciando gerações de escritores e leitores. Sua longevidade e capacidade de ressignificação demonstram

como a epopeia transcende seu tempo, consolidando-se como um dos pilares da literatura universal.

Para alcançar a subjetividade na poesia, Lima (2005) afirma que o poeta se vale de uma ampla gama de recursos estilísticos e simbólicos, muitas vezes imperceptíveis a um leitor menos atento. No entanto, para que sua obra resista à prova do tempo, é essencial que o artista domine profundamente o tema que deseja explorar. Esse conhecimento permite-lhe atingir os limites da verossimilhança e da expressividade poética, garantindo que sua criação transmita autenticidade e emoção ao longo das gerações.

Talvez seja por isso que Paixão (1991, p. 09) afirma que “a poesia está sempre revelando uma percepção subjetiva da realidade”. A poesia não apenas descreve o mundo, mas o recria sob uma ótica singular, filtrada pela sensibilidade do poeta. Para atingir esse efeito, *Beowulf* incorpora elementos de intertexto bíblico, estabelecendo conexões com narrativas sagradas, ao mesmo tempo em que dialoga com as histórias cotidianas dos povos pagãos. Essa fusão entre o sagrado e o mítico confere ao poema uma profundidade simbólica que transcende sua mera função narrativa.

Ao tratar de poesia, estamos lidando com um organismo multifacetado, que nunca se esgota, cada leitura revela novas interpretações, permitindo que o texto se reinvente constantemente. Como observa Paz (1982, p. 49), “a poesia vive nas camadas mais profundas do ser, ao passo que as ideologias e tudo o que chamamos de ideias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência”. Essa afirmação ressalta o caráter essencialmente intuitivo e sensorial da poesia, que opera em um nível mais profundo do que o discurso racional ou argumentativo.

Para teóricos como Staiger (1975), Fernandes (2005) e D’Onofrio (1981), a poesia épica, exemplificada por *Beowulf*, não apenas registra feitos heroicos, mas também reflete valores, crenças e percepções que moldam a identidade cultural de um povo. Sua riqueza simbólica e estilística permite que continue sendo estudada e reinterpretada ao longo dos séculos, preservando-se como um elemento vivo da tradição literária mundial.

Entre as diversas formas de expressão artística, a épica ocupa um lugar de destaque como a mais elevada e refinada. Ela se manifesta quando o poeta atinge seu ápice criativo, demonstrando um grau excepcional de polimento e maturidade estética. Nesse sentido, Moisés (2000) faz uma observação sobre o papel do épico na trajetória de um poeta:

É aqui que surge o épico, entendido como categoria poética intrínseca, assinaladora do momento em que o poeta alcança a maturidade interior. Diga-se desde já em que consiste o plano onde se coloca o épico: pode ser considerado aquele para o qual se orienta todo grande poeta, não importa a época e o movimento literário a que pertença. Medieval, clássico, romântico, simbolista ou moderno, todo poeta superior tende para o épico (MOISÉS, 2000, p. 238).

Essa afirmação ressalta que a epopeia não é apenas um gênero literário, mas um horizonte artístico para o qual convergem os grandes poetas ao longo da história.

A construção de uma obra épica, como sugerem Staiger (1975), Fernandes (2005) e D’Onofrio (1981), exige empenho, engenhosidade e um profundo domínio da linguagem e da estrutura narrativa. Nada em um poema épico é colocado de forma aleatória; cada elemento é cuidadosamente planejado para alcançar determinados efeitos estéticos e simbólicos.

Nesse contexto, Staiger (1975, p. 93) reforça a ideia de que a epopeia não é apenas um relato de feitos heroicos, mas um processo de exploração e contemplação do mundo: “O autor épico não avança para alcançar o alvo, e sim dá-se um alvo para poder avançar e examinar tudo em volta atenciosamente”.

Essa perspectiva destaca que a epopeia não se restringe à narração de eventos extraordinários, mas busca interpretar a realidade sob um prisma grandioso e universal. Segundo Staiger (1975), o poeta épico não se limita à descrição; ele reconstrói o mundo por meio de sua arte, atribuindo-lhe um significado que transcende o tempo e o espaço.

Por isso, a epopeia permanece como um dos gêneros literários mais impactantes e duradouros, atravessando séculos e influenciando gerações ao moldar a percepção do heroísmo, da identidade cultural e da própria condição humana. Sua força reside na capacidade de transformar feitos extraordinários em narrativas imortais, preservando valores e tradições essenciais à construção das civilizações.

Ao analisarmos *Beowulf* sob essa perspectiva, percebemos que o poema explora com maestria os elementos essenciais da epopeia. A temática heroica é desenvolvida de maneira profunda e simbólica, destacando a jornada do protagonista como um reflexo dos ideais de coragem, honra e sacrifício. No entanto, como observa Staiger (1975, p. 77), “o poeta épico mantém um distanciamento da ação, não se envolvendo emocionalmente nos acontecimentos narrados: Ele próprio não participa, não se imiscui no acontecimento. Este não o arrasta como ao poeta lírico”.

Essa característica confere à epopeia um tom objetivo e solene, permitindo que os eventos sejam narrados com uma grandiosidade que ultrapassa a experiência individual. Como destacam Vizioli (1992), Tolkien (2014), Mitchell e Robinson (2007) e Liuzza (2000), em *Beowulf*, essa abordagem se evidencia na fluidez dos versos narrados, que avança de maneira rítmica e simétrica, sem perder o foco na construção da figura heroica. O poema não apenas retrata os feitos do protagonista, mas os exalta, conferindo-lhes um caráter quase mítico e reforçando sua relevância na tradição épica.

Nesse sentido, é relevante recordar a observação de Staiger (1975) sobre Homero, que pode ser aplicada também ao poeta de *Beowulf*. Assim como na *Iliada* e na *Odisseia*, o autor de *Beowulf* estrutura sua história de forma a exaltar o heroísmo sem se deixar levar pela subjetividade, garantindo que a epopeia permaneça como um registro atemporal da grandeza humana.

Conforme destacam Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Staiger (1975), Tolkien (2014) e Vizioli (1992), *Beowulf* não é apenas um poema épico, mas um testemunho

literário da força e da resiliência de um povo, consolidando-se como uma das obras mais emblemáticas da tradição épica mundial. Essa característica, essencial na construção dos versos de *Beowulf*, também se manifesta na obra de Homero. Segundo Staiger (1975, p. 77), o poeta é capaz de “ascender das torrentes da existência e se manter imutável diante das coisas”, conferindo à epopeia uma perspectiva singular e atemporal.

Um dos aspectos mais fascinantes de *Beowulf* é sua capacidade de criar uma atmosfera de verossimilhança, apesar de seus feitos heroicos serem essencialmente fictícios. Para os autores Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Tolkien (2014) e Viziolli (1992), o poema, ao longo de sua estrutura, incorpora dados geográficos, intertextos bíblicos e elementos históricos, conferindo-lhe um caráter quase documental e afastando-o da superficialidade. Essa fusão entre realidade e mito fortalece sua posição dentro do cânone das grandes epopeias épicas, tornando-o uma obra de referência na literatura medieval.

Araújo (2020) ressalta que a geografia em *Beowulf* não é apenas um elemento decorativo, mas desempenha um papel fundamental na construção do imaginário coletivo da obra. O poema evoca locais que remetem à Escandinávia e à Grã-Bretanha, situando a narrativa em um espaço que, embora mítico, mantém um diálogo com territórios reais e históricos. Além disso, a presença de intertextos bíblicos sugere uma tentativa de vincular a epopeia heroica a valores cristãos, refletindo a transição cultural dos anglo-saxões, que gradualmente incorporavam o cristianismo como parte de sua identidade.

Araújo (2020) destaca outro aspecto essencial que contribui para a profundidade de *Beowulf*: sua relação com eventos históricos. Embora o poema seja uma obra literária, ele faz referência a figuras e acontecimentos registrados em outras fontes históricas, como genealogias reais e crônicas medievais. Essa intertextualidade reforça sua relevância como documento cultural, permitindo que estudiosos investiguem suas conexões com a sociedade anglo-saxônica e escandinava da época.

Dessa forma, compreendendo que *Beowulf* carrega em sua estrutura os elementos que o inserem no ambiente das grandes epopeias épicas, o próximo tópico se dedicará a um estudo sobre o histórico e a mística da obra. A partir dessa análise, será possível desenvolver uma reflexão sobre as conotações do poema, explorando suas camadas simbólicas e seu impacto na tradição literária.

BEOWULF: O ENCONTRO ENTRE HISTÓRIA, MITOLOGIA E TRADIÇÃO

Com base em estudiosos como Araújo (2020), Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Tolkien (2014), Viziolli (1992) e muitos outros, pode-se afirmar que *Beowulf* é um dos mais importantes poemas épicos da literatura medieval. Escrita em anglo-saxão, a obra é estruturada por meio de aliterações, que constituem sua principal base sonora. Esse recurso estilístico não é meramente ornamental, mas sim um elemento fundamental

da construção poética. Como observa Ramalho (2007, p. xxi): “A aliteração [...], o elemento que urde os versos da poesia em inglês antigo, e que, portanto, não constitui artifício secundário, mas forma de estruturação poética comum às literaturas germânicas antigas”.

Além de sua riqueza estilística, *Beowulf* se destaca por sua extensão e profundidade narrativa. Com 3.182 versos, é o poema mais longo do pequeno conjunto da literatura anglo-saxã e um verdadeiro marco da literatura medieval. Segundo Vizioli (1992), “*Beowulf* continua sendo a maior epopeia dos tempos heroicos dos povos germânicos” (p. 35).

Embora tenha sido escrito na atual Inglaterra, sua trama se desenrola na Escandinávia, mais especificamente nas regiões que hoje correspondem à Suécia e Dinamarca. O poema narra os feitos heroicos de *Beowulf*, um guerreiro da tribo dos gautas, cuja força e coragem o tornam um protetor dos dinamarqueses contra duas ameaças monstruosas. Mais tarde, ao ser coroado rei de seu povo, *Beowulf* enfrenta um dragão, travando uma batalha épica que, apesar de resultar na vitória, lhe custa a vida.

A escolha do dragão como antagonista nessa parte do poema não é meramente casual. O dragão, na tradição mitológica, representa forças cósmicas do mal e desafios que transcendem o plano físico. Como aponta Jung (2008, p. 154), “Na luta travada pelo homem primitivo para alcançar a consciência, esse conflito entre a sombra e o ego se exprime pela disputa entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal personificados por dragões e outros monstros”.

Essa simbologia é explorada ao longo do poema, reforçando a ideia de que *Beowulf* não é apenas uma história de feitos heroicos, mas também um registro mitológico e psicológico da luta entre luz e escuridão, ordem e caos, consciência e instinto. Essa profundidade temática contribui para que a obra continue sendo estudada e reinterpretada ao longo dos séculos, consolidando-se como um dos pilares da literatura épica mundial.

Com base nas pesquisas de Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Tolkien (2014) e Vizioli (1992), pode-se afirmar que o manuscrito de *Beowulf* data do século XI, embora haja indícios de que sua composição original tenha ocorrido muito antes, possivelmente entre os séculos VIII e X. Apesar de sua narrativa ser predominantemente lendária, o poema faz referência a eventos e personagens que podem ter raízes históricas nos séculos V e VI, reforçando sua relevância como uma fonte cultural e histórica.

A trama gira em torno das façanhas de *Beowulf*, um guerreiro de força extraordinária pertencente à tribo dos gautas, localizada na atual Götaland, Suécia. Ao tomar conhecimento das terríveis ameaças que assolam a corte dinamarquesa do rei Hrothgar, *Beowulf* decide partir com um pequeno grupo de guerreiros para enfrentar o perigo. Ao chegar à Dinamarca, é recebido em Heorot, o majestoso salão real, onde se apresenta ao rei:

Co'o elmo, lá estava Beowulf, o herói
falou (forjada por hábil ferreiro,

cintilava-lhe a malha marcial): ‘Salve,
Hrothgar! Sou guerreiro e amigo de Hygelac.
Feitos de Glória, eu, jovem, já fiz.
Em meu torrão soubemos do terror,
Cá, do monstro Grendel: muitos marujos
Contam que, ao ocultar-se, sob o céu, a última
Luz da tarde, este lar, melhor de todos,
Se esvazia.
(Beowulf, 2007, p. 27)

Beowulf se oferece para proteger Hrothgar e seu povo dos ataques de Grendel, uma criatura monstruosa descrita como descendente de Caim, símbolo do mal encarnado, que devora homens inteiros. Essa associação com a figura bíblica reforça a dualidade entre luz e trevas, bem e mal, tão presente na narrativa épica:

Assim, vingara o Criador a vida
De Abel, da raça de Caim – assassino.
(Beowulf, 2007, p. 09)

Demonstrando sua força sobre-humana, Beowulf derrota Grendel em um duelo corpo a corpo, sem o uso de armas, arrancando-lhe o braço com as próprias mãos. Esse feito heroico não apenas livra os dinamarqueses da ameaça, mas também reafirma a missão do protagonista como um símbolo de justiça e proteção. Como destaca D’Onofrio (1981, p. 15): “A este super-homem cabe a missão de estabelecer na terra o reino da justiça, da paz e do amor.”.

A grandiosidade de *Beowulf* não se limita às descrições de batalhas épicas; ela também se manifesta na profundidade simbólica que permeia o poema. Com base nas teorias de Langer (2006), Lima (2005) e Jung (2008), pode-se afirmar que a luta contra Grendel transcende o mero embate físico, refletindo um conflito arquetípico entre o herói e as forças do caos. Esse elemento simbólico reforça a importância da obra como um dos maiores marcos da literatura épica medieval, consolidando seu valor mitológico e psicológico.

Após a morte de Grendel, a paz em Heorot dura pouco. Sua mãe, uma criatura igualmente monstruosa e sedenta de vingança, surge para retaliar a perda do filho, espalhando terror e morte entre os guerreiros dinamarqueses. Diferente de Grendel, que atacava por instinto e fúria, sua mãe age com um propósito claro: vingança, tornando sua ameaça ainda mais temível.

Diante dessa nova calamidade, *Beowulf* se compromete a enfrentar a criatura e segue seu rastro até seu covil, uma caverna submarina, localizada nas profundezas de um lago sombrio e habitado por monstros aquáticos. O ambiente hostil reforça a atmosfera

mística e sobrenatural do poema, transformando o combate em um verdadeiro rito de passagem para o herói.

Ao adentrar a caverna, *Beowulf* se vê diante de um desafio ainda maior do que o enfrentado contra Grendel. A mãe do monstro é uma adversária feroz, e sua força parece invencível. Como nos diz Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Tolkien (2014) e Vizioli (1992). Dessa forma, o guerreiro luta bravamente, mas percebe que suas armas convencionais são inúteis contra a criatura. É então que ele encontra, dentro da própria caverna, uma espada lendária, forjada para derrotar gigantes. Com essa arma, *Beowulf* finalmente consegue decapitar a mãe de Grendel, encerrando sua ameaça de uma vez por todas.

Esse episódio reforça a simbologia do poema, onde cada batalha representa não apenas um confronto físico, mas também um teste de coragem, força e destino. A luta contra a mãe de Grendel não é apenas um embate entre dois seres, mas sim um ritual de purificação, onde o herói se prova digno de sua glória e fortalece sua posição como protetor dos povos.

Ao retornar a Heorot, *Beowulf* é recebido com celebrações e honrarias, consolidando sua reputação como um dos maiores guerreiros da história épica. No entanto, sua jornada ainda não está completa, e novos desafios aguardam o herói em seu futuro.

“Lutamos, mão em mão, nós ambos.

E na água borbulhou sangue. Arranquei

com o gume do meu gládio a cabeça

da mãe de Grendel no salão de guerra”.

(BEOWULF, 2007, p. 09).

Após sua vitória contra Grendel e sua mãe, *Beowulf* retorna por mar à terra dos gautas, acompanhado de seus guerreiros. A narrativa então sofre uma grande elipse temporal, e reencontramos *Beowulf* já idoso, reinando sobre seu povo. Esse salto no tempo reforça a grandiosidade do herói, permitindo que sua trajetória seja vista sob uma perspectiva mais ampla. Como observa D’Onofrio (1981, p. 16), “O passado, entendido como maravilhoso e idealizado, é trazido à memória e tornado presente pelo recurso estilístico do *flashback*, o olhar retrospectivo.”

A ascensão de *Beowulf* ao trono ocorre após uma série de eventos trágicos. O rei Hygelac morre em batalha contra os frísios, sendo sucedido por seu filho Heardred. No entanto, Heardred também encontra um fim prematuro ao ser morto em combate contra as tropas suecas do rei Onela, deixando o trono dos gautas vago. Diante dessa situação, *Beowulf* assume a coroa, tornando-se um governante respeitado e justo.

Cinquenta anos após sua coroação, *Beowulf* enfrenta um novo desafio: um dragão desperta e começa a devastar seu reino. A criatura, que há séculos guardava um tesouro ancestral em um monte funerário, é despertada por um servo fugitivo que, sem saber das

consequências, rouba uma taça do tesouro. Esse ato desencadeia a fúria do dragão, que passa a incendiar vilarejos e espalhar destruição.

Diante dessa ameaça, *Beowulf*, já em idade avançada, decide enfrentar o monstro em um último e grandioso combate. Esse episódio marca o ápice de sua jornada heroica, consolidando sua figura como um guerreiro que, mesmo diante da morte, permanece fiel ao seu dever de proteger seu povo.

Beowulf, protetor do povo, tão bem
Reinaria sua terra natal (rei
sábio), por cinquenta invernos. Sob 'scura
noite, começaria um dragão, contudo,
(de ouro guardião, num outeiro – sepulcro,
Alta pedra) a atacá-los: via haveria –
La dentro, dos homens desconhecida –
De achar um ladrão tão astuto, então,
Que (o dragão a dormir) despojaria – o
Do cintilante ouro pagão. Sob fúria,
Ao acordar, ele atacaria o arrabalde.
(BEOWULF, 2007, p. 09).

Beowulf, empunhando sua espada e um sólido escudo de ferro, adentrou a caverna onde repousava o tesouro guardado pelo temível dragão cuspidor de fogo. Uma batalha feroz se desenrolou, com o herói enfrentando bravamente a criatura. No momento crucial do embate, Wiglaf, o mais leal dos guerreiros, correu em auxílio de seu rei, permitindo que Beowulf desferisse uma estocada fatal e derrotasse o monstro.

Essa luta, essencial dentro do poema, exemplifica o que D'Onófrio (1981, p. 16) afirma sobre a natureza do herói épico: “O herói épico, quer humano, quer divino, como uma criança, tenta sempre para a afirmação do próprio ego, não tendo medo da luta, inclusive contra o destino, porque não é súcubo de nenhum conflito existencial”.

No entanto, a vitória teve um custo alto. *Beowulf*, gravemente ferido pelo monstro, sucumbiu às suas feridas, encerrando sua trajetória heroica. O poema se encerra com seu funeral, um momento solene e grandioso. O corpo do guerreiro foi colocado em uma canoa sobre um monte próximo ao mar, para que os navegantes pudessem avistar sua última morada. “Ali, no alcantil, fizeram grande fogo funeral” (BEOWULF, 2007, p.193).

O poema reflete a brutalidade da época em que foi escrito, marcada por constantes guerras, onde os valores mais estimados eram a honra, a coragem e a fortaleza. Além disso, destaca-se a lealdade e o respeito entre guerreiros vassalos e seu rei, um dos princípios fundamentais da sociedade da época. Em reconhecimento aos serviços prestados, o

soberano recompensava seus guerreiros com riquezas e terras, fortalecendo ainda mais os laços de fidelidade.

Beowulf personifica esse espírito de lealdade ao demonstrar repetidamente sua devoção ao rei dinamarquês Hrothgar e aos reis gautas Hygelac e Heardred. A ambientação do poema e seus personagens situam a narrativa no século VI, reforçando o argumento de D'Onofrio (1981, p. 15): “Mesmo lutando por uma causa coletiva, os protagonistas da poesia épica representam o mais acabado exemplo de individualismo, pois são expressões do desejo do respeito dos direitos humanos, sendo rechaçada qualquer forma de autoritarismo”.

Figuras históricas como os reis Hrothgar e Hygelac aparecem em antigas crônicas e sagas escandinavas, e eventos como a guerra contra os frisios que levou à morte de Hygelac possuem possíveis fundamentos históricos, coincidindo com uma batalha registrada por Gregório de Tours no ano de 516 d.C. Isso reforça o caráter distintivo da epopeia, pois, como afirma D'Onofrio (1981, p. 13): “A característica principal da narração épica não é a invenção de fatos, mas a recordação do que já aconteceu; o narrador só pode expressar através de um ponto de vista objetivo”.

Ainda assim, o poema não deve ser interpretado apenas como um relato histórico, mas como uma obra literária concebida para o deleite dos leitores. Curiosamente, apesar de os eventos se desenrolarem em uma sociedade pagã, a obra contém referências bíblicas e menções a Deus, o que pode ser atribuído aos escribas cristãos que transcreveram o texto. Borges (2002, p. 35) sugere que “no caso de *Beowulf*, podemos imaginar o autor como um monge de Nortumbria, surgido no norte da Inglaterra, leitor de Virgílio, que propôs o experimento ousado de escrever uma epopeia germânica”.

A despeito das influências cristãs, muitos elementos da narrativa permanecem alinhados com os valores germânicos pagãos. *Beowulf* enfrenta suas batalhas ciente de que não apenas a força e a habilidade definirão o desfecho, mas também a influência do destino, um conceito essencial nas sociedades germânicas. Em diversos trechos do poema, o narrador atribui os triunfos do herói à vontade de Deus, ilustrando o cruzamento de tradições que tornam esta epopeia tão singular.

BEOWULF: O HEROÍSMO, A LEALDADE E A FORÇA DO DESTINO

Antes de tudo, é essencial lembrar que o manuscrito de *Beowulf* faz parte de um códice maior, conhecido como Cotton Vitellius A. XV, atualmente preservado na Biblioteca Britânica, em Londres. Este códice quase foi perdido em 1731, quando um incêndio devastou a Cotton Library, danificando severamente diversos manuscritos preciosos. O fato de existir apenas um único exemplar e ele ter escapado por pouco da destruição aumenta ainda mais o fascínio e a mística em torno do estudo dessa obra.

O próprio nome *Beowulf* carrega um significado simbólico. Como aponta Borges (2002, p. 13), “o nome é em si mesmo uma metáfora que significa ‘Lobo das Abelhas’, e seu sentido é urso”. Desde o título, já se percebe o caráter intrigante da obra, que transporta o leitor para um universo de imagens e sons vívidos. Sobre isso, Vizioli (1992, p. 37) destaca: “Mais surpreendente ainda se torna a variedade rítmica de *Beowulf* e mais grato o frescor de muitas de suas imagens. Por isso, essa epopeia de ‘sombria grandeza’ constitui, com justiça, o primeiro monumento literário da Inglaterra”.

Para uma apreciação genuína do poema, é necessário abandonar, ao menos temporariamente, as comodidades da modernidade e mergulhar em uma época em que a humanidade ainda estava fortemente ligada às crenças e incertezas sobre a vontade dos deuses e a fluidez dos conceitos medievais. Nesse contexto, a reflexão de Spina (1974) se torna especialmente relevante.

O ingresso na cultura medieval, em especial a literária, não se faz sem pagarmos um pesado tributo; a compreensão dos valores ecumênica, pois as grandes criações do espírito medieval – na arte, na literatura, na filosofia – são frutos de uma coletividade que ultrapassa fronteiras nacionais (Spina, 1974, p. 10).

O homem medieval possuía uma visão distinta sobre a vida e a arte, profundamente enraizada em um mundo onde muitos dos conceitos que hoje consideramos fundamentais sequer eram imaginados. Nesse contexto, o mito e a construção das imagens na poesia medieval não podem ser comparados ou interpretados da mesma forma que na poesia contemporânea.

Conforme destaca Araújo (2020), o espaço físico na Idade Média diferia significativamente do que conhecemos hoje. As fronteiras foram modificadas inúmeras vezes ao longo dos séculos, o clima apresentava características distintas, e mares e rios possuíam uma mística singular, refletindo a relação simbólica que as sociedades medievais mantinham com a natureza.

Além disso, a percepção do tempo era profundamente diferente da atual. Em vez de ser medido por relógios ou contado por calendários como fazemos hoje, o tempo era compreendido de maneira fluida e simbólica, muitas vezes associado a ciclos naturais e eventos sazonais. Essa visão influenciava não apenas a organização da vida cotidiana, mas também a forma como os poetas e escritores medievais estruturavam suas narrativas. Essa percepção diferenciada conferia ao mistério e ao tom poético uma profundidade única, uma beleza rara que dificilmente se encontra em poesias de outros períodos. Nos primeiros versos de *Beowulf*, essa atmosfera já se faz presente, evocando imagens vívidas e um ritmo envolvente que transporta o leitor para um universo de heroísmo e mitologia.

“Medrou Scyld: privações experimentara
(pobre criança, crescera sob céu de nuvens)”,

Nessa imagem, o tom do poeta transparece um misto de pena e temor. Borges (2002) observa que “no Beowulf temos o sentimento da natureza como algo temível” (p. 23), o que pode justificar a sensação de compaixão evocada nesse verso.

O céu descrito no poema certamente era contemplado pelo poeta, assim como os campos, os animais, as florestas e todo o mistério que permeava aquele tempo de incertezas. A natureza, imponente e imprevisível, refletia o espírito da época, onde o destino dos homens parecia estar entrelaçado aos desígnios do universo.

O guerreiro, dotado de força sobre-humana, representava o elo entre a vitória e a derrota do rei. Sobre isso, Staiger (1975, p. 79) afirma que “a distância é guardada ainda mais visivelmente com a afirmação sempre repetida de que, na época em que se deu a guerra, os homens eram ainda mais fortes”. Essa percepção reforça a grandiosidade dos feitos heroicos narrados no poema.:

“nove monstros marinhos
Anulei com o meu gládio. Sob o arco
Do céu, não se viu luta acerba
(noturna) nem, no mar, menos fausto homem.”
(BEOWULF, 2007, p. 37).

Ao lermos esses versos, as imagens do guerreiro em combate ganham vida na mente do leitor. É importante lembrar que, por mais que o poema tente moldar um arquétipo heroico, cada leitor constrói sua própria versão do herói, única e subjetiva. Nenhum guerreiro imaginado é idêntico a outro, pois cada interpretação é influenciada pelo poder criativo e pela experiência individual de quem lê.

A construção, desconstrução e reconstrução desse arquétipo ocorrem de maneira dinâmica, refletindo a interação entre o texto e a imaginação do receptor. Sobre isso, Langer (2006) destaca a importância desse processo na percepção da figura heroica.

Criar a ilusão primária poética, fazer com que o leitor se atenha a ela, e desenvolver a imagem de realidade de maneira que tenha significação emocional acima das emoções sugeridas, que são elementos nela, é o propósito de toda palavra que escreve o poeta. Ele pode usar as aventuras de sua própria vida ou o conteúdo de seus sonhos [...]. A única condição é que materiais, seja de que fonte for, devem ser partes completamente do uso artísticos, inteiramente transformados, de maneira que não provoquem um desvio para longe da obra, mas lhe dêem, em vez disso, o ar de ser realidade. (Langer, 2006, p. 255).

Qualquer tentativa de capturar as nuances das imagens em Beowulf é válida até certo ponto, pois, como observa Bachelard (2006, p. 04), “diante das imagens que os poetas

nos oferecem, diante das imagens que nós mesmos nunca poderíamos imaginar, essa ingenuidade de maravilhamento é inteiramente natural”. Muitas vezes, não conseguimos definir esse estado com precisão, mas o sentimos profundamente.

Ao buscar a essência das imagens poéticas, a leitura de *Beowulf* revela um universo permeado por lágrimas, trevas, dor, tristeza e morte. Esses elementos se manifestam ao longo do poema, mas ganham especial destaque quando relacionados ao guerreiro, desde a perda de seu pai até o momento solene de seu velório. A carga emocional dessas cenas reforça a grandiosidade da epopeia e a profundidade dos sentimentos que ela evoca.

Alou-se o negro fume da acha acima
Do fulgor e do crepitar das flamas –
O som deste, pois, misturado ao pranto.”
(BEOWULF, 2007, p. 193).

As conotações presentes no poema não se limitam à tristeza, mas também evocam sentimentos de alegria, vitória, vida, amor, redenção e luz, perceptíveis em diversos trechos. Essa riqueza de significados pode estar relacionada à escolha cuidadosa das palavras, pois, como destaca Fernandes (2007, p. 43), “as palavras, mediante o simbolismo que podem encerrar, estendem seus significados além de sua dimensão vocabular”.

Essa profundidade simbólica permite que o poema transcenda sua narrativa e alcance um nível de interpretação mais amplo, onde cada leitor pode atribuir sentidos próprios às imagens e emoções evocadas. Como se observa no fragmento a seguir, essa dualidade entre luz e sombra é um dos elementos que tornam *Beowulf* uma obra tão fascinante.

“Feliz fez-se
Dono de cabedal (co'o seus cabelos
Grises), dos Danos de Glória, o guerreiro)
E príncipe (do povo protetor)
De Beowulf ouvindo o bom objetivo.
Gargalharam guerreiro. Grande estrondo
Felizes falas.”
(BEOWULF, 2007, p. 39).

O poema *Beowulf* é uma vasta metáfora, repleta de significados que se revelam apenas ao olhar atento do leitor. Ele representa uma fusão entre a cultura cristã e elementos pagãos, evidenciada tanto pelo intertexto bíblico quanto pela forma como o funeral do herói é organizado.

No entanto, essas não são as únicas imagens que demonstram essa dualidade. Assim como Cristo sacrificou sua vida para salvar seu povo, *Beowulf* também se entrega

ao combate mortal contra o dragão, não apenas para expressar o universo de guerras da Idade das Trevas, mas também para simbolizar o equilíbrio entre crenças e tradições.

Além disso, ler *Beowulf* é mergulhar nas origens da literatura inglesa, em um período em que a língua ainda estava em seu estágio mais embrionário de evolução. Um dos aspectos mais marcantes do poema é o uso de aliterações e finais consonânticos, que conferem à obra um tom vigoroso e masculino, refletindo a força do guerreiro que se constrói ao longo da narrativa. Como destaca Fernandes (2005, p. 57), “o poema é, deste modo, uma unidade que apresenta faces inúmeras, vistas somente no subterrâneo da linguagem e do discurso em seu todo. Construir o poema é descer à profundidade das palavras e analisar os seus mistérios, todas as suas potencialidades”.

A materialização do imagético em *Beowulf* é impossível de ignorar. Cada verso cuidadosamente construído pelo poeta contribui para uma narrativa que se divide em três grandes momentos: nascimento, ascensão e queda do guerreiro. O poema evoca um universo repleto de lanças, escudos, sangue, amor, lealdade e traição, criando uma atmosfera épica e intensa. A sensação que se tem ao lê-lo é que a obra se ergue como um muro sólido—os versos são os tijolos, e a conotação semântica é o cimento que os une, formando um todo harmônico. A cada nova leitura, o poema ganha novos significados, muitos dos quais jamais poderiam ter sido previstos pelo poeta ao compô-lo.

Lima (2005, p. 41) sugere que o poeta se encontra preso em um labirinto escuro, lutando para encontrar a saída. “A poesia só alcança sua verdadeira essência quando é plenamente compreendida por seu criador”. O poeta é aquele que transforma a linguagem comum em sonhos, dando vida às palavras de maneira única e profunda.

Esse processo criativo, no entanto, não seria possível sem a presença de um habilidoso “pedreiro das palavras”, cuja identidade permanece desconhecida. Ainda assim, sua obra resiste ao tempo, e a ele dedicamos nosso eterno respeito e admiração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, fundamentado nas reflexões de Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Tolkien (2014) e Vizioli (1992), demonstra que a leitura de poesia medieval, apesar dos desafios, é não apenas viável, mas profundamente enriquecedora. Mais que um exercício acadêmico, essa jornada literária se revela essencial para aqueles que desejam mergulhar nas raízes da literatura e da tradição poética. Afinal, os grandes poetas contemporâneos encontram inspiração em obras que atravessaram séculos e seguem ressoando, perpetuando sua relevância e beleza.

A atualidade dessas epopeias não reside em sua temática ou estilo de composição, mas na força de sua narrativa, na eloquência de sua construção e na profundidade de suas imagens. Muitas vezes, a literatura moderna não consegue alcançar essa grandiosidade.

Por isso, a poesia épica medieval deve ser lida e analisada para que possamos compreender sua gênese e, assim, avaliar com mais propriedade as produções contemporâneas.

Ao longo da análise de *Beowulf*, apoiando-se nos postulados de autores como Liuzza (2000), Mitchell e Robinson (2007), Tolkien (2014) e Vizioli (1992), fica evidente que a leitura de poesia medieval, apesar de seus desafios, não apenas é viável, mas também profundamente enriquecedora. Mais do que um exercício acadêmico, essa jornada literária se revela essencial para aqueles que buscam compreender as raízes da literatura e da tradição poética.

Afinal, como salienta Araújo (2020), os grandes poetas contemporâneos encontram inspiração em obras que atravessaram séculos e continuam a ressoar, perpetuando sua relevância e beleza. Fica evidente que sua estrutura narrativa e os conflitos constantes preservam o brilho da obra, tornando-a fascinante e envolvente desde os primeiros versos. Longe de parecer ultrapassada, essa epopeia anglo-saxã segue cativando leitores, proporcionando uma experiência única e imersiva.

Dessa forma, a proposta deste estudo foi devidamente desenvolvida, proporcionando uma imersão profunda na complexidade dessa poesia labiríntica. Ao explorar *Beowulf* como uma epopeia, sua história, sua mística e a riqueza de suas imagens, espera-se que este artigo contribua para a reflexão contínua sobre a literatura épica medieval, incentivando novas discussões e interpretações sobre seu impacto e relevância ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, G. K. *The Literature of the Anglo-Saxons*. Princeton: Princeton University Press, 1949.

ARISTÓTELES. *A Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. 2. ed. São Paulo: Imprensa Nacional, 1990.

ARAÚJO, E. R. de. Estética literária inglesa: os elementos artísticos constituintes da épica medieval em *Beowulf*. *Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia - REIVA*, [S. l.], v. 3, n. 03, p. 18, 2020. Disponível em: <<https://reiva.unifaj.edu.br/reiva/article/view/115>>. Acesso em: 20 maio 2025.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Ática, 2006.

BEOWULF. Tradução, introdução e notas de Erick Ramalho. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.

BORGES, J. L. *Curso de literatura inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHICKERING, H. D. *Beowulf: A Dual-Language Edition*. New York: Anchor Books, 1977.

D'ONOFRIO, S. *Da Odisseia ao Ulisses: evolução do gênero narrativo*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERNANDES, J. *O selo do poeta*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

FOLEY, J. M. *Traditional Oral Epic: The Odyssey, Beowulf, and the Serbo-Croatian Return Song*. Berkeley: University of California Press, 1990.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KLAEBER, F. *Beowulf and the Fight at Finnsburg*. Boston: D.C. Heath, 1950.

LANGER, S. K. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LIMA, M. de F. G. *O signo de Eros na poesia de G. M. T. Goiânia*: Kelps, 2005.

LIUZZA, R. M. *Beowulf: A New Translation*. Ontario: Broadview Press, 2000.

MITCHELL, B.; ROBINSON, F. C. *A Guide to Old English*. Oxford: Blackwell, 2007.

PAIXÃO, F. *O que é poesia*. São Paulo: Ática, 1991.

PAZ, O. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAMALHO, E. *Beowulf*. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.

SPINA, S. *Iniciação na cultura literária medieval*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1973.

STAIGER, E. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Ática, 1975.

TOLKIEN, J.R.R. *Beowulf: A Translation and Commentary*. London: HarperCollins, 2014.

VIZIOLI, P. *A literatura inglesa medieval*. São Paulo: Ática, 1992.